

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: O PROJETO REVOLUCIONÁRIO DOS ZAPATISTAS

Guilherme Figueredo Benzaquen¹

Júlia Figueredo Benzaquen²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o projeto revolucionário zapatista. Esperamos fornecer um panorama abrangente das principais questões enfrentadas por esse movimento em suas lutas pela transformação social, que servirá tanto aos que querem ter um primeiro contato com o movimento quanto aos que buscam entender suas mais recentes transformações. Adotamos as proposições teórico-metodológicas da análise de discurso para analisar 54 comunicados zapatistas escritos entre 21 de dezembro de 2012 e 25 de maio de 2014. O discurso é entendido como reprodutor e transformador da sociedade, é neste sentido que os comunicados são materiais privilegiados para entender os zapatistas. Como principais resultados da análise, afirmamos que o projeto revolucionário zapatista se exprime através daquilo que eles negam, do que eles afirmam e do que apontam como proposta. Em linhas gerais eles negam o capitalismo e afirmam a existência de “outros mundos possíveis”. A proposta, ou o projeto, é algo extremamente imbricado com o presente, assim a revolução não acontecerá num

1 Mestre em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ). Rua Ferreira Lopes, 223/1101. Casa Amarela. CEP: 52060-200. Recife – PE. benzaquenguilherme@gmail.com

2 Professora Adjunta I do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Membro dos grupos de pesquisa registrados no CNPq – “Curupiras: colonialidades e outras epistemologias – UFPE” e “Epistemologias Alternativas, Movimentos Sociais, Cultura, Educação e Meio Ambiente – IFPE”. Doutora em Sociologia no Programa de Pós-colonialismos e cidadania global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Estrada do Encanamento, 1752/602. Monteiro. CEP: 52070-000. Recife – PE.

futuro distante, mas sim no fazer cotidiano. Concluimos assim que o projeto revolucionário zapatista se identifica com as teorias e as práticas autonomistas, ou seja, defende a autonomia e a ideia de que revolução é processual.

Palavras-chaves: Zapatistas, Projeto Revolucionário, Movimentos Sociais.

ABSTRACT

This article aims to analyze the Zapatista's revolutionary project. We intend to provide a comprehensive overview of the main issues faced by this movement in their struggle for social transformation that will serve both to those who want to have a first contact with the movement and those who seek to understand their latest changing. We adopted the theoretical and methodological propositions of discourse analysis to analyze 54 Zapatistas releases written between 21 December 2012 and 25 May 2014. The speech is seen as reproductive and transformative of society, it is in that sense that the releases are privileged materials to understand the Zapatistas. The main results of the analysis is that the Zapatista's revolutionary project is expressed through what they deny, what they claim and what they propose. In general, they deny capitalism and claim the existence of "other possible worlds". The proposal, or project, is extremely connected with the present, as the revolution will not happen in the distant future, but in the daily tasks. We conclude that the Zapatista's revolutionary project identifies with the theories and practices autonomist, ie, defends the autonomy and the idea that revolution is procedural.

Keywords: Zapatistas, Revolutionary Project, Social Movements.

Introdução

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) se destaca internacionalmente por ter o apoio de diferentes correntes da esquerda mundial. A sua popularidade deve muito ao fato deles experienciarem a possibilidade de “um outro mundo”. Portanto, qualquer discussão acerca desse contexto e dos questionamentos que ele nos coloca politicamente pode servir como suporte para reflexões sobre a superação do capitalismo na contemporaneidade. Nesse artigo iremos analisar o “projeto revolucionário” zapatista. É preciso fazer, desde já, a ressalva que essa análise está baseada na sistematização de um discurso um tanto escorregadio. Foi difícil, porém produtivo esse esforço de compreensão de algo que está em movimento.

O conceito central para o nosso trabalho é o de “projeto revolucionário”. Ao contrário de algumas organizações que definem guias rígidos de ação, parecemos que para compreender como os zapatistas desenvolvem um projeto é necessário recorrer a Castoriadis. Para esse autor o projeto nunca será totalizante, pois não existe um saber que dê conta de toda a complexidade do real. Nesse sentido, Castoriadis formula a seguinte definição para “projeto revolucionário”:

O projeto é o elemento da práxis (e de toda atividade). É uma práxis determinada, considerada em suas ligações com o real, na definição concretizada de seus objetivos, na especificação de suas mediações. É a intenção de uma transformação do real, guiada por uma representação do sentido desta transformação, levando em consideração as condições reais e animando uma atividade (CASTORIADIS, 1995, p.97).

Como pode ser visto, as características principais dessa definição abrangente de projeto é ser uma parte da práxis, levar em consideração o real, definir objetivos, ter a intenção de transformação e animar uma atividade. Além de fornecer uma definição, ele alerta para a dificuldade em entender o projeto revolucionário, pois, ele é mais um sentido e uma orientação, do que o fixar em “ideias claras e distintas”. O projeto é pensado como em movimento, portanto, a representação dele – incluindo aqui esse artigo – sempre é limitada.

Devido às limitações próprias a um trabalho como esse, decidimos fazer a análise através de comunicados. O que, por um lado, nos permitiu aprofundar

no que é projetado por eles, mas, por outro, nos fez perder a capacidade de verificar suas construções práticas. Essa análise tem um recorte temporal atual que nos permitirá entender o que eles vêm defendendo ser uma nova etapa do movimento. Há uma vasta bibliografia sobre o EZLN, porém sobre o momento mais recente ainda há poucas análises interessantes. Parece-nos, portanto, que a nossa contribuição tem algum valor por tentar esclarecer as formulações mais recentes do movimento. Em suma, nosso intuito é revisitar uma experiência bastante importante para os movimentos sociais contemporâneos buscando entender onde eles estão e para onde querem caminhar.

A análise tem como objeto 54 comunicados escritos entre 21 de dezembro de 2012 e 25 de maio de 2014. O caráter simbólico da linguagem zapatista será problematizado para que o entendimento supere os significados mais superficiais (HILSENBECK FILHO, 2007). Guiaram-nos nessa análise as proposições teórico-metodológicas da análise de discurso. Compreendemos, portanto, a linguagem como prática social. A linguagem não é entendida como um veículo transparente de vontades externas a ela. Pelo contrário, o discurso é um modo de ação e, dessa forma, estabelece uma relação dialética com a estrutura. Para além de representar o mundo, o discurso o significa e o constrói (FAIRCLOUGH, 2001). Portanto o discurso promove tanto a reprodução quanto a transformação da sociedade (das identidades sociais, das relações sociais, dos sistemas de conhecimento e crença).

Realizaremos, na primeira parte do artigo, uma contextualização social e histórica do EZLN e do local de onde falam: Chiapas, México. Esse panorama não tem o intuito de ser exaustivo e serve como localização para a parte principal do nosso trabalho, na qual analisaremos o projeto zapatista. Em um segundo momento, iremos apresentar a análise buscando dar conta da atualidade e das projeções do movimento.

I. Origens e conquistas

Na madrugada de primeiro de janeiro de 1994, milhares de indígenas com rostos cobertos tomaram as principais cidades do Estado de Chiapas no México, com o grito de “Já Basta”. Enquanto isso Carlos Salinas de Gortari (presidente eleito em 1988) celebrava a incorporação do México no Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA). O NAFTA estabelece a desregulação dos

mercados e a privatização das empresas públicas, da educação, da saúde e de bens comuns, dando maior poder às empresas transnacionais na região. A situação dos indígenas chiapanecos se encontrava em uma encruzilhada.

Sobre a região, Hilsenbeck Filho (2007) destaca que Chiapas é um estado rico com uma população empobrecida. Esse é um dos estados mexicanos com o maior percentual de população indígena. A região conta com numerosas riquezas naturais, dentre as quais se destacam o petróleo, o urânio e as madeiras preciosas. Além disso, é um grande fornecedor de energia para todo o México. Isso destoa da baixíssima qualidade de vida de grande parte da população que não é propriamente abastecida de luz elétrica e de água potável. O serviço médico também é precário, sendo comum a proliferação de mortes por doenças evitáveis como tuberculose, sarampo e cólera. Nesse contexto, ser indígena piora ainda mais a qualidade de vida. Essa situação de precariedade exerceu forte influência para o levante do EZLN, porém seria simplório explicar tudo a partir disso. É necessário também olhar para a história das resistências no México e em Chiapas para entendê-los. O levante que a quase todos surpreendeu já que o mundo vivia o pós queda do muro de Berlim, foi na verdade fruto de um acúmulo de algumas décadas (DIAZ, 2013).

De caráter mais nacional, três eventos são elencados pelo Subcomandante Marcos³ em Le Bot (1997) como antecedentes do levante zapatista: Independência do México, Revolução Mexicana e o massacre de Tlatelolco. A Independência ocorreu em 1821, porém somente em 1823 a elite regional decide separar Chiapas da Guatemala e integrá-la ao México. Mais significativo, entretanto, para entender a história do EZLN é a Revolução Mexicana com o seu lema de “Terra e Liberdade”. O próprio nome do EZLN remete a Emiliano Zapata, um dos principais protagonistas do processo que se iniciou em 1910 e que tinha como base de apoio a população camponesa. Um fato importante dessa época que serve de influência para as construções atuais foi a Comuna de Morelos, uma das conquistas da Revolução, que tinha um alto grau de autonomia e capacidade de decisão em relação aos espaços municipais e distritais. Ouviaña (2007) descreve como ali foi repartida a terra e ditaram leis revolucionárias que contemplavam questões educacionais, sanitárias, comunicacionais e de produção.

3 Principal porta-voz do EZLN.

Apesar de não ter vivenciado nenhuma ditadura desde a Revolução, o México é um país conhecido por lidar de forma autoritária com as suas divergências internas (HILSENBECK FILHO, 2007). Isso está relacionado com o fato do Partido Revolucionário Institucional (PRI) ter hegemonizado a política eleitoral entre 1929 e 2006. O exemplo mais chocante desse contexto de repressão foi vivenciado em 1968 e culminou na noite de Tlatelolco. O que começou como um movimento estudantil ganhou uma grande proporção com manifestações de massa na Cidade do México. No dia do massacre, quando havia apenas uma reunião na Praça dos Três Poderes, a polícia começou a atirar indiscriminadamente em todos que se encontravam no local. Esse evento foi muito importante na história política do México porque demonstrou para os movimentos sociais os limites do diálogo com o Estado.

Na origem do Exército Zapatista de Libertação Nacional estão três importantes fatores: aqueles que lutaram no México da década de 1960, as comunidades indígenas que já tinham suas construções políticas e as contribuições da teologia da libertação. Sobre a resistência indígena, ela se inicia, obviamente, quando ocorreu a colonização espanhola em 1524. Foram centenas de motins, revoltas e insurreições protagonizados pelos indígenas em Chiapas. A resistência anti-colonial se manteve ativa tanto como insubordinação anônima quanto como confronto declaradamente aberto. Mais recentemente, em princípios dos anos 1980, havia um movimento indígena com duas vertentes. Um da Selva que começou a traçar seus caminhos políticos e organizativos a partir da década de 1970, mas que ainda se encontrava muito isolado. E o outro, de uma dezena de pessoas extremamente politizadas, com vasta experiência e tradição no campo da luta política, que já haviam participado de diversas organizações políticas de esquerda e percebiam como única solução para os problemas que lhes afligiam a via da violência armada. Ou seja, já havia esforços de articulação entre as comunidades que foram aproveitados na formação do EZLN, não surgiu tudo do dia para a noite.

O internacionalismo anti-imperialista também contribuiu para o surgimento do EZLN. Na América Latina, este internacionalismo se concretizou em diversos grupos que defendiam como estratégia política a guerrilha em busca da emancipação do povo. O EZLN nasceu como uma célula das Forças de Libertação Nacional (FLN), movimento armado marxista-leninista, que se estabeleceu

em Chiapas para organizar um dos núcleos revolucionários que seriam formados em todos os estados do país. Na década de 1980, um grupo de militantes urbanos se isolou na Selva Lacandona e começou a fazer articulações com os indígenas. Dez anos depois do início dessa troca, eles se apresentaram como um grupo armado, porém o EZLN não era mais o mesmo da sua origem e não era mais possível caracterizá-lo como um grupo guerrilheiro de libertação. “No momento do levantamento, as FLN praticamente inexistiam como força política, e o EZLN já havia se convertido em uma organização político-militar independente das diretrizes e dos mandos das FLN” (BRANCALEONE, 2013: 8). Ele é um dos filhos das lutas de libertação nacional, uma tradição insurrecionalista que estava bastante em voga na América Latina, porém – como é comum aos filhos – ele traçou caminhos próprios. Apesar de aparecer ao público pela primeira vez como uma organização armada, eles consideram que sua estrutura militar deve tender a se dissolver, assim que seja possível, em formas organizativas mais democráticas e horizontais. Os zapatistas não têm como objetivo, como outras guerrilhas latino-americanas, tomar o poder, mas sim viver outros mundos possíveis.

Hilsenbeck Filho (2007) aponta que um fator que contribuiu para o afastamento do EZLN do marxismo-leninismo foi a influência da Teologia da Libertação. Essa corrente da Igreja católica surgiu na América Latina na década de 1960 e se fundamentou em uma série de experiências da base da Igreja em sua luta pela construção do reino de Deus no “aqui na Terra”. As comunidades eclesiais de base começaram a fazer uma série de trabalhos de evangelização e auto-organização dos indígenas por conta do que foi chamado como “opção pelos pobres”. Nesse sentido, foi muito importante o papel desempenhado por Dom Samuel Ruiz na Arquidiocese de San Cristóbal. Seu trabalho pastoral se baseou em revalorizar as culturas ancestrais dos povos originários, difundindo o evangelho e os ideais igualitários entre os mais oprimidos.

Falta-nos agora relatar o levante zapatista e os seus feitos desde então. Esse levante teve um confronto armado de 12 dias que foi interrompido graças ao forte apelo da sociedade civil mexicana e internacional. As baixas foram significativas para um exército tão precário como o EZLN, mas a vitória no campo político foi fundamental para que conseguissem se manter vivos (DÍAZ, 2013).

Ali foi lançada a Primeira Declaração da Selva Lacandona – desde então já foram lançadas seis – que explicitava o projeto revolucionário do movimento. A

articulação entre zapatistas e sociedade civil tem se provado importante para a sobrevivência dos chiapanecos. Como demonstra a pesquisa realizada por Cássio Brancaleone (2013), a qualidade de vida dos indígenas da região melhorou muito. Avanços foram realizados nas condições de moradia, de educação, de saúde, de comunicação e de produção. Isso tudo não contou com o apoio do Estado; pelo contrário, foi feito apesar dos seus esforços de destruir as construções zapatistas. Um exemplo paradigmático dessa relação conflituosa entre o EZLN e o governo mexicano foram os Acordos de San Andrés firmados em 1996. Foi realizada uma rodada de negociação para a garantia de direitos relacionados à autonomia, justiça e igualdade aos povos indígenas. Esses ganhos deveriam ser concretizados em uma mudança constitucional, porém isso nunca foi cumprido pelo Estado.

A organização política do território também passou por mudanças, sendo a primeira de grande significado a criação dos municípios autônomos em rebeldia. Povoados pequenos se uniram para garantir a autodefesa, a gestão dos recursos e a autonomia educacional e de saúde. As decisões eram realizadas em assembleias que têm como uma de suas funções eleger os representantes para o Conselho Municipal Autônomo. É importante destacar que uma evolução nessa forma de autogoverno foi a criação das Juntas de Bom Governo. Essas são um grupo rotativo de indígenas e são regidas pelo que os zapatistas chamaram de “mandar obedecendo”, ou seja, de governar em prol de todos e nunca de si mesmo. Os representantes são delegados dos Conselhos Autônomos e têm como papéis principais mediar conflitos e garantir igual desenvolvimento das comunidades zapatistas. As Juntas têm como sede outra importante conquista do projeto autonomista zapatista: os cinco caracóis, que servem como espaços de encontro e diálogo entre os municípios autônomos e com a sociedade civil (GENNARI, 2005).

Muitas foram as iniciativas zapatistas que tiveram como objetivo estreitar os laços com outras coletividades, dentre elas podemos citar os Encontros Intergaláticos⁴, o Festival Digna Rabia⁵ e mais recentemente a Escuelita⁶. Eles

4 Em 1996 e em 1997 aconteceram os Encontros Intergaláticos, que propuseram a construção de redes internacionais de resistência e contra o neoliberalismo.

5 O objetivo principal deste evento foi comemorar o décimo-quinto aniversário do EZLN, proporcionando a exposição das principais ideias do movimento.

6 Experiência realizada em 2013, quando os zapatistas convidaram vários parceiros interna-

também realizaram algumas demonstrações de reivindicação e celebração: Marcha dos 1111⁷, Marcha da Cor da Terra⁸ e, mais recentemente, a Marcha Silenciosa⁹. Além disso, é recorrente nessa breve história do movimento a tentativa de estabelecimento de vínculos mais duradouros como exemplificam a criação do Congresso Nacional Indígena e da Frente Zapatista de Libertação Nacional que deixou de existir quando da criação da Outra Campanha. Esse último foi um movimento civil que tinha como bandeira principal uma crítica da política institucional. Os objetivos principais eram criar um programa nacional de lutas e transformação da constituição mexicana. Essa iniciativa foi concomitante à Zesta Internacional, iniciativa que tinha como objetivo realizar uma articulação internacional com os sujeitos em luta. A Outra Campanha foi dissolvida recentemente para demarcar a entrada dos zapatistas em um novo momento da sua história que é justamente o que iremos analisar no próximo tópico.

2. Sobre o que é e o que pode ser

Nosso objetivo principal, nessa análise, é entender o que vem acontecendo nos tempos mais recentes, portanto começaremos aqui delimitando nosso recorte temporal¹⁰. No dia 21 de dezembro de 2012, 40 mil zapatistas marcharam silenciosamente pelas ruas de cinco cidades em Chiapas. Para os que diziam que

cionais para conhecerem de perto a sua experiência.

7 Em agosto de 1997, 1111 zapatistas marcharam de Chiapas até o Distrito Federal para exigir o cumprimento do Acordo de San Andrés e a desmilitarização das zonas indígenas.

8 A Marcha Cor da Terra, aconteceu em 2001, quando 23 comandantes e comandantas zapatistas foram ao Distrito Federal falar no Parlamento e foram aplaudidos por mais de um milhão de pessoas.

9 Em 2012, milhares de zapatistas ocuparam as ruas das cidades de Chiapas. Desta vez, quando multiplicavam-se as histerias, midiáticas e comerciais, sobre um possível fim do mundo, os zapatistas se manifestaram sem proferir discursos ou comunicados através de palavras.

10 Faz-se aqui uma ressalva de que olhar para o projeto revolucionário zapatista é olhar para o mundo de forma mediada. Ele nos interessa, mas apenas como se apresenta no projeto, portanto não importa tanto o quanto esse diagnóstico está correto, mas sim o discurso desses sujeitos sobre a realidade.

o movimento estava enfraquecido ou isolado e para os que o ignoraram na esperança de que desaparecesse, a resposta foi o silêncio. Isso ocorreu, como é comum na história dos zapatistas, em um dia simbólico, o último dia do ciclo maia – interpretado por alguns como o “fim do mundo” e que significou para eles não um fim, mas a reafirmação do prenúncio desse término. Esse é o início da análise e estabelecemos como ponto final a morte do Subcomandante Marcos, ou seja, o *desentierro* de Galeano que ocorreu em 25 de maio de 2014. Após o assassinato de um membro das bases de apoio zapatista por integrantes da Central Independente de Operários Agrícolas e Campesinos - Histórica (CIOAC-H), Marcos anunciou a sua retirada de cena. Essa morte não é a de um indivíduo, mas de um autor, de uma assinatura, e com isso ele pretendeu demonstrar que mais importante do que um Marcos midiático é cada um dos membros das comunidades zapatistas. Entre esses dois acontecimentos a principal iniciativa foi a Escuelita, um projeto de intercâmbio no território chiapaneco que demandou uma grande capacidade organizativa do movimento. O seu objetivo principal foi ensinar o significado da autonomia para sujeitos de diversas partes do mundo que viajaram para aprender com os indígenas.

Os documentos analisados são os comunicados disponibilizados no site Enlace Zapatista. A maioria deles é assinada pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral (CCRI – CG) e, além desses, há alguns que foram escritos pelas bases de apoio. Porém sempre tiveram que passar pela anuência do Comitê para serem veiculados, o que significa que nosso foco é o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Apesar de sabermos da importância das Juntas de Bom Governo e das bases de apoio, a escolha desse material se deu pelas limitações desse texto e por um compromisso ético de somente tornar público aquilo que o movimento assim definiu. Seguimos uma lógica para pensar o projeto revolucionário zapatista: primeiramente apresentaremos aquilo que os zapatistas negam, para então explorar o que eles afirmam, ou seja, qual a sua estratégia de prática cotidiana. Feito isso apontamos o norte, ou seja, o que os zapatistas buscam no futuro, tendo a consciência desde já que essa proposta de futuro é feita de forma extremamente imbricada com o presente. Finalizamos então apresentando quem é o sujeito revolucionário para os zapatistas e brevemente quais as condições necessárias para a revolução. Essa análise recorrerá, quando necessário, a comentadores e teóricos pertinentes.

Em um comunicado, Marcos (2013d) apresenta a nova etapa do zapatismo que eles vêm chamando de a Sexta. Esse nome é uma referência à Sexta Declaração da Selva Lacandona lançada em 2005. A Sexta é comumente usada nos comunicados para se referir à aliança dos sujeitos desse processo, mas também se mostra um bom nome sintetizador do projeto revolucionário que aqui é analisado. Nesse comunicado (MARCOS, 2013d) coloca claramente algumas das perguntas centrais que guiaram nossa análise:

Nós respondemos ‘sim’ à pergunta “poderia ser de outra maneira?”

Falta responder às perguntas que se atropelam depois desse ‘sim’:

Como é essa outra maneira, esse outro mundo, essa outra sociedade que imaginamos, que queremos, que necessitamos?

O que tem que ser feito?

Com quem?

Temos que buscar as respostas a essas perguntas se não as temos. E se as temos, devemos torná-las conhecidas entre nós¹¹.

Antes do sim à mudança, há, para Holloway (2003), a negação, o grito. É necessária uma percepção teórica e experiencial dos problemas atuais para que possam ser superados. Esse grito surge justamente da experiência das injustiças que ocorrem no mundo. Esse Não, mesmo que individual ou pouco compreensível, é o ponto de partida do qual pode surgir outras realidades. Começaremos, portanto, com uma análise do que os rebeldes chiapanecos negam no *status quo*. Ao que os zapatistas se contrapõem? O que eles identificam como sendo necessário mudar?

Marcos (2013b) constrói uma imagem para esse mundo que para eles deve ser derrubado: a máquina. Essa metáfora nos permite uma boa entrada no Não zapatista. A fome, o desemprego, a falta de educação e a miséria é justamente o que a faz andar, o seu combustível. Produz mercadorias, porém é especialista

11 Todos as citações dos comunicados estão em espanhol no original, aqui apresentamos traduções próprias.

em produzir mercadorias que não têm utilidade, criando mercados em que elas viram artigos de primeira necessidade. Também produz crises que são bastante favoráveis para ela própria. A máquina controla o que se fala dela através do controle da mídia. Por fim, ele ressalta que ela não é completamente autômata, há aqueles que a fazem andar. Fica claro, portanto, que a crítica ao capitalismo é central na dimensão da negação.

Um outro Não é dado pelos zapatistas à atuação do Estado. Já se tornou notória a expressão “mau governo” e, nesses últimos anos, ela continuou aparecendo no seu discurso. É sintomático que a palavra Estado apareça tão pouco nos comunicados zapatistas. Enquanto que Mentinis (2006) via isso como uma tentativa de legitimação da possibilidade de um bom governo – o que era mais plausível no ano de sua análise –, defendemos que a expressão “mau governo” é o termo de tradução para uma discussão sobre o Estado. Os governantes institucionais são caracterizados como aqueles que preferem a violência ao diálogo, recorrem à força se não tiverem razão e disseminam a corrupção e a ruindade (MARCOS, 2012c). Em uma passagem ilustrativa, Subcomandante Moisés (2014a) toma como sinônimo do mau governo os três poderes e em um comunicado depois (2014b) afirma que “esses três poderes não têm ouvido, não têm olhos, não aceitam avisos, seu mundo é de dominação, de engano”. Aqueles que exercem cargos na política institucional são vistos como alguns dos culpados pelas misérias das pessoas comuns. Tanto é que são os principais “não-convidados” da Escuelita.

Um gato-cachorro que fala através da assinatura de Marcos (2013g) explica que o problema principal dessa forma de fazer política é a heteronomia. Em uma analogia com o futebol, ele afirma que, em ambos, os fanáticos são meros espectadores, pensam que o mais importante é o profissional, festejam ou lamentam feitos que não são seus e sempre ignoram que a questão não é trocar quem joga o jogo, pois o problema está no próprio sistema. A crítica do Estado e do capital se baseia principalmente no fato deles serem formas de relações sociais que promovem a heteronomia.

O Não também se direciona aos paramilitares e os meios pagos de comunicação que trabalham com/para os “maus governos”. Enquanto que os paramilitares se esforçam para reintroduzir cotidianamente a guerra em territórios zapatistas, a mídia serve para veicular as campanhas difamatórias e para encobrir opres-

sões contra os rebeldes chiapanecos. Por fim, é importante assinalar que nesse conjunto de comunicados analisados há uma negação enfática do machismo. A divisão do trabalho é apresentada como importante fator para a dominação masculina e ela se desdobra em uma série de dominações nas relações cotidianas (BASES, 2013b).

Esse Não de tantas características aciona uma pergunta: poderia ser de outra forma? Surge o Sim. O grito em sua negação é uma recusa à aceitação, é, portanto, também “esperança”. Esse que é um conceito herdado de Bloch (2005) está relacionado com uma paixão pelo êxito em lugar do fracasso. A esperança existe quando a pergunta sobre a possibilidade da superação radical do mundo é respondida afirmativamente. Isso para os de cima é uma calamidade: “imagine que cada um construa seu próprio destino, e decidam o que ser e o que fazer” (MARCOS, 2013a). Essa afirmação de outros mundos possíveis detona a rebeldia em sua acepção coletiva e organizada. Essa atitude foi fundamental para a existência do levante, junto com toda dor e raiva por conta das humilhações sofridas há séculos. Dessa maneira, a esperança é um requisito para que os zapatistas se tornassem o que conhecemos e é, atualmente, um critério utilizado para fazer coligações com outr@s: “à Sexta alguém adere sem mais requisitos do que o ‘não’ que nos convoca e o compromisso de construir os ‘sins’ necessários” (MARCOS, 2013d).

O grito implica fazer. Mais do que valorizar o fazer por ser uma necessidade do viver, Holloway (2003) o valoriza por ser a negação prática do mundo que se pretende mudar. Isso não significa descartar a teoria, mas entendê-la como parte do fazer. Agora iremos analisar as proposições estratégicas que são necessárias para qualquer projeto: o famoso “o que fazer?” A primeira coisa a se notar é que pros zapatistas há uma congruência entre o fazer transformativo do hoje e como ele deve ser em todo o caminhar do movimento. Os zapatistas “se preparam, se organizam, entram em acordo” (MARCOS, 2013c), ou seja, pensam no fazer da transformação do mundo e, mais importante do que isso, o colocam em prática. Analisar a dimensão estratégica-organizativa deles é pensar em uma política prefigurativa que se esforça para no cotidiano conciliar as ações e os discursos. O conceito de “política prefigurativa” (GRAEBER, 2002) pretende dar conta da subversão progressiva da sociedade através da prática cotidiana das utopias que são propostas pelos sujeitos, ou seja, experimentar na prática o mundo que está

por vir. A ideia é a de que a resistência e a construção de novas sociabilidades já existem e, ao mesmo tempo, estão sendo construídas. O seu lugar é a dignidade da existência cotidiana. Em Bloch (2005), essa atitude se chama esperar. O que não significa resignação; pelo contrário, esperar é um ato, no qual os sonhos diurnos¹² *são concretizados e projetados. A espera é participação que aceita as coisas em movimento e, portanto, como podem ser melhoradas.*

Para os zapatistas o poder é

Decidir sobre a vida, a liberdade e os bens de alguém. Não, o poder não é o dinheiro, é o que podes ter com ele. O Poder não é somente exercê-lo impunemente, também e, sobretudo, fazê-lo irracionalmente. Porque ter Poder é fazer e desfazer sem ter mais motivo do que a posse do Poder” (MARCOS, 2013a).

A definição deles é, portanto, de caráter negativo. O verdadeiro perigo para o Poder são aqueles que olham para outro lado, que o ignoram, que constroem outras formas de se relacionar. Isso se desdobra internamente na necessidade do reconhecimento dos “modos de cada um” para que a luta seja possível. Os zapatistas prezam por uma forma de organização que privilegia a autonomia dos grupos, não querem construir uma grande organização que tenha uma centralização do comando. Defendem que aos que mandam não se vence com um só pensamento por mais revolucionário, radical e poderoso que esse seja. Porém, a aceitação da autonomia de cada é sempre delimitada por uma linha que é a dos que fortalecem os projetos dos de cima, mesmo que com argumentos reformistas.

Relacionado a isso, porém em um âmbito mais interno, os zapatistas questionam *a noção* de liderança. Em vários comunicados se afirma que os líderes não são necessários e que essa posição deve ser compartilhada por todos. Por mais que a decisão de lutar seja individual, a luta tem que ser coletiva e para que ela seja emancipatória é necessária uma crítica tanto do individualismo quanto do vanguardismo. “A rebeldia, amigos e inimigos, quando é individual é bela. Mas quando é coletiva e organizada é terrível e maravilhosa. A primeira é assunto de biografias, a segunda é a que faz história” (MARCOS, 2013i). Assim como as proposições de Castoriadis (1995), a autonomia para ser conquistada tem que ter

12 Nos “sonhos diurnos”, os sujeitos partem da realidade e tentam ultrapassar o curso natural dos acontecimentos.

uma dimensão dupla: a individual e a coletiva.

Para explicar essa forma do fazer, os zapatistas se utilizam de dois oximoros – expressões que articulam termos contrários. O primeiro é o “ele-somos” que é uma estratégia para quebrar com a lógica da representação. Não é à toa que esse é o título do comunicado em que o Subcomandante Moisés (2013) se apresenta como o responsável pela porta dos territórios rebeldes. Essa expressão pretende dar conta de um indivíduo que ao mesmo tempo é toda a coletividade. O segundo oximoro é o já famoso “mandar obedecendo”. Nesses dois últimos anos da história zapatista, a ideia de que o povo é o soberano continua sendo central para o seu projeto revolucionário. Para isso, as Juntas de Bom Governo seguem os sete princípios do “mandar obedecendo” que são lembrados constantemente: “servir e não se servir; representar e não suplantar; construir e não destruir; obedecer e não mandar; propor e não impor; convencer e não vencer; baixar e não subir” (BASES, 2013a). Resumindo, as bases de apoio devem ser as protagonistas do processo, sendo os representantes meros funcionários. Nessa construção, governar se torna sinônimo de respeitar, sendo da maioria a palavra final sobre o que deve ser feito. Essa proposição é também uma luta pelo significado da democracia que segundo eles não se faz a cada eleição, mas em “todos os dias de trabalho em todas as instâncias do governo autônomo e junto com os povos, mulheres e homens” (MOISÉS, 2013).

Nesse fazer do projeto revolucionário é fundamental a “disputa ideológica”. Daí a centralidade atual da Escuelita que é uma aposta na educação como estratégia de transformação. Enquanto o “mau governo” se utiliza dos meios pagos de comunicação para desinformar o povo, os zapatistas abrem suas portas para que seja visto tudo aquilo que eles conquistaram e pretendem conquistar com seu projeto de autonomia. A experiência de alguns dias nas comunidades têm gerado trocas importantes tanto para o movimento quanto para os seus apoiadores. Nessa luta também é importante a internet através dos meios de comunicação alternativos. Uma das suas funções é permitir a “globalização imediata e massiva do ridículo e da incapacidade da classe política” (MARCOS, 2013f).

Para finalizar essa parte da análise é importante ressaltar o internacionalismo no projeto zapatista. Na Sexta isso ganha uma centralidade maior do que em momentos anteriores de sua história, pois, ao invés de procurar realizar duas frentes de articulação como as propostas sob o nome de a Outra Campanha

(em uma escala mais nacional) e a Zesta Internacional, agora se define que o que importa é o planeta Terra como um todo (MARCOS, 2013d). Há vários níveis de localidade na prática zapatista. Mais do que “pensar globalmente, atuar localmente”, os indígenas chiapanecos estão dispostos a pensar e a atuar simultaneamente em várias escalas. O EZLN conseguiu conectar o pensamento e a ação estratégicos a nível nacional e global com o apoio de bases comunitárias locais. Uma boa forma de visualizar isso é atentar para o fato de que nos seus comunicados eles estão sempre mudando o interlocutor com quem falam. Uma hora se destinam aos povos do México e não muito depois já se dirigem para os povos do mundo; quando se concentram em um caso particular, sempre tentam articulá-lo com a luta global dos oprimidos. Nos seus discursos, as escalas se constituem mutuamente em um constante jogo de ida e vinda.

Passada a discussão sobre a estratégia zapatista, nos interessa agora discutir as diretrizes morais que os guiam no fazer cotidiano. Analisaremos, portanto, o que há por trás desse fazer. Queremos entender a projeção entendida como uma relação de tensão entre o que é – geralmente entendido historicamente – e o que deveria ser. A imaginação é uma característica fundamental nesse processo e ela é reivindicada pelos zapatistas. Nas palavras do Subcomandante Marcos (2013g): “tem que ser esclarecido que, para nós, nossa história não é somente o que temos sido, o que tem nos ocorrido, o que temos feito. É também, e sobretudo, o que queremos ser e fazer”. Eles pensam a própria história através da categoria do possível, através da esperança de melhorias nas suas vidas. Porém, eles se negam a ter esquemas com opções restritivas. Não há uma formulação rígida desse futuro porque ele se faz no próprio caminhar, ou seja, é um fazer utópico do agora que constrói o futuro desejado no hoje. *É com isso em mente que podemos analisar a sua resposta para a pergunta: onde queremos estar/chegar?*

Três palavras são constantemente reivindicadas pelos zapatistas e servem como norte para entender o que deve ser esse mundo que está surgindo: democracia, liberdade e justiça. Os seus significados não são claros nos depoimentos zapatistas, já que não é intuito deles uma construção conceitual rígida e, dessa forma, essa expressão é um exemplo do que foi dito acima de como a indefinição no discurso zapatista serve como agregador de diferentes lutas sociais. Lima (2009) aponta que as três palavras vêm geralmente juntas e devem ser entendidas como uma expressão única que teria um forte aspecto moral porque

divide aquilo que é bom do que é mal. Sendo o bom – ou seja, a democracia, a liberdade e a justiça – muito próximo do que os zapatistas constroem nos seus cotidianos. Essas palavras não devem, porém, ser entendidas como patrimônio de uma particularidade específica, só podem ser compreendidas se forem universalistas. O que significa que querem acima de tudo um mundo onde ninguém é mais e ninguém é menos. O objetivo deles é “destruir as relações sociais que possibilitam que alguém esteja acima nas costas de alguém que esteja abaixo” (MARCOS, 2013d). Isso já está sendo construído desde agora em um processo de transformação contínua. O que significa que a revolução não é um evento único que refará o mundo de uma vez, é um processo. “Já se vê o horizonte, de como é, segundo nós mesmos, um novo mundo” (MOISÉS, 2013). Isso acontece com muitos erros e muitas dificuldades, os quais são expostos em um exercício de constante autocrítica.

Uma expressão que condensa o caráter libertário da projeção revolucionária zapatista é a que diz “um mundo onde caibam muitos mundos”. É na diversidade que reside a riqueza, não é intuito deles construir um único mundo homogeneizado. Em um comunicado, Marcos (2013g) nos fornece a imagem de uma casa de muitos ritmos para explicar essa ideia. Os zapatistas estão sempre desenhando em seus retratos uma chave “abaixo e à esquerda”, mas não porque estejam pensando em que porta abrir, mas em qual casa com qual porta têm que construir para que essa chave tenha destino. E se essa casa tem ritmo de “polka-balada-corrido-ranchera-cumbia-rock-ska-metal-reggae-trova-punk-hip-hop-rap-e-o-que-mais-vier” não é porque não entendam de música. É porque ela terá todas as cores e todos os sons. É com isso conseguirão concretizar mais um dos seus lemas: “para todos, tudo; para nós, nada”.

Somente nos falta agora tratar de duas questões transversais que foram aparecendo aos poucos na análise: o sujeito revolucionário e as condições necessárias. Para os zapatistas, os agentes da mudança são os outr@s, aqueles que são perseguidos somente por serem diferentes. A definição desse sujeito não é rígida e eles se contentam em fornecer algumas características abrangentes: são prescindíveis, libertários/livres, seguem a própria consciência, semeiam sem ver o fruto, não esperam por salvadores... Em outros momentos eles fazem listas extensas de quem são esses outr@s que resumindo podemos dizer que tentam incluir todos os que são marginalizados pelo capitalismo. O que essa descrição pouco precisa

demonstra é que a identidade não é um aspecto central na definição zapatista do sujeito revolucionário. Como os próprios dizem: “o que importa é o caminho não o caminhante” (MARCOS, 2013h). O ponto de partida é o sujeito que grita e ele deve ser entendido em sua auto-contradição e como influenciado pelas relações de dominação contra as quais se insurge.

Por fim, as condições necessárias para uma revolução não podem ser analisadas no caso dos zapatistas em separado das suas proposições sobre os sujeitos. Isso porque para eles as condições devem ser criadas por essas coletividades. Eles olham justamente para o que se mostra impossível até a véspera. Em suas palavras: “você olham como aproveitar a conjuntura, nós como criá-la” (MARCOS, 2013e). Mais do que uma conjuntura favorável o necessário é organização, decisão, acordos, lutas, resistência, defesa, trabalho e prática (MOISÉS, 2013). Porém, como usualmente fazem, eles afirmam que essa lista pode ser complementada se os outros rebeldes acharem que falta alguma coisa. Como pode ser percebido é uma concepção de transformação bastante voluntarista. Acreditamos que aqui os textos ganham um propósito de propaganda, pois esse tom que incentiva a ação das coletividades em rebeldia pode ser o gatilho para novas transformações. Além disso, as condições necessárias como pensadas por eles não são determinísticas e se aproximam ao conceito de projeto: o futuro é visto como em aberto e o projeto como práxis de coletividades autônomas.

Conclusão: o EZLN como autonomistas

Terminada a análise, gostaríamos de concluir esse artigo destacando o quanto os zapatistas têm se aproximado dos autonomistas¹³. A palavra autonomia se refere a um projeto e a determinados sujeitos que são contraditórios entre si, porém que compartilham determinados pontos básicos que os fazem privilegiar a capacidade de indivíduos e coletividades se envolverem diretamente na organização das suas vidas cotidianas. De forma bastante sintética, podemos afirmar que os autonomistas têm suas origens na confluência de correntes centrais das lutas sociais – anarquismo, marxismo, feminismo e lutas indígenas – e têm vivido um processo de fortalecimento – mesmo que não linear – desde a década de 1960.

13 Para uma visão geral do autonomismo em suas variadas manifestações recomendamos Albertani, Sancho e Modonesi (2009) e Adamvsky (2011).

Identificamos a existência de uma mudança histórica de aproximação a um projeto autonomista de emancipação. Para nós, o que já foi um projeto de traços vanguardistas de tomada do Estado se transformou nessa outra configuração que foi exposta em nossa análise. Isso pode ser verificado nas próprias palavras do EZLN. Segundo Marcos (2014), houve uma mudança de pensamento:

do vanguardismo revolucionário ao mandar obedecendo; da conquista do poder de cima à criação do poder de baixo; da política profissional à política cotidiana; dos líderes, aos povos; da marginalização de gênero, à participação direta das mulheres; de enganar o outro, à celebração da diferença.

São muitos os elementos elencados ao longo do texto que comprovam essa transformação. Vale destacar o fato de, assim como na teoria autonomista, o Estado ser visto como uma entidade apartada que constrói uma relação de dominação para com o resto da sociedade. Concepção que está baseada na crítica da heteronomia – que se estende à crítica da liderança e da vanguarda – por ser essa uma forma de relação que impede que os sujeitos participem ativamente na construção dos seus cotidianos. As consequências práticas disso são as tentativas de controle das relações opressivas entre aqueles que lutam conjuntamente. Para os zapatistas a luta deve respeitar a autonomia dos indivíduos e das coletividades, não deve ser tudo submetido a um comitê central. A revolução, nesse contexto, ganha uma definição processual. Tanto para os zapatistas quanto para os autonomistas há uma defesa da transformação vivida em todos os dias da vida, a democracia só é verdadeira se for cotidiana. Essa aproximação do EZLN com os autonomistas parece ser produtiva analiticamente para entender o momento atual do movimento, incorporando-o a uma tradição histórica que já contribuiu bastante nas lutas dos de baixo e da esquerda.

Recebido em julho de 2015

Aprovado em dezembro de 2015.

Referências

ADAMOVSKY, Ezequiel et al. **Pensar las autonomias: Alternativas al capital y el Estado**. México D. F.: Sísifo Ediciones, 2011.

ALBERTANI, Claudio; SANCHO, Guiomar; MODONESI, Massimo. **La autonomía posible: Reinención de la política y emancipación**. México D.F.: UACM, 2009.

BASES de apoio. **ELLOS Y NOSOTROS VII.- L@s más pequeñ@s 2.- ¿Cómo se hace?** Documento consultado em meio eletrônico [2013a]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/02/22/ellos-y-nosotros-vii-ls-mas-pequens-2-como-se-hace/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

BASES de apoio. **ELLOS Y NOSOTROS. VII.- L@s más pequeñ@s. 3.- LasCompañeras. El muy largo camino de las zapatistas**. Documento consultado em meio eletrônico [2013b]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/02/25/ellos-y-nosotros-vii-ls-mas-pequens-3-las-companeras-el-muy-largo-camino-de-las-zapatistas/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança** (vol. 1). Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

BRANCALEONE, Cássio. **Os zapatistas e o significado da experiência de autogoverno indígena e camponesa no México contemporâneo**. Documento consultado em meio eletrônico [2013]. Disponível em: http://api.ning.com/files/JBQFk69Zn3WOpCPpXuXBPnLy*iTyAW0yeAu0DvX7pdsy7IgkUh3yirvARRgKtZtGbT18OBiP1INvPUPDCI-ESBy2GwqTfTcM/zapatistas.pdf Acesso em: 11 de fev. 2015.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

DÍAZ, Carlos. **La rebelión de las Cañadas**. México D. F.: Debossillo, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Universidade de

Brasília, 2001.

GENNARI, Emilio. *EZLN: Passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GRAEBER, David. **The new anarchists**. *New Left Review*, n. 13, 2002, pp 61- 73.

HILSENBECK FILHO, Alex. **Abaixo e à esquerda: Uma análise histórico-social da práxis do Exército Zapatista de Libertação Nacional**. Documento consultado em meio eletrônico [2007]. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/filho_amh_me_mar.pdf. Acesso em: 11 de fev. 2015.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo, Viramundo, 2003.

LIMA, Júnia. **“Liberdade, Justiça e Democracia”: Construções de uma “sensibilidade jurídica” no discurso zapatista**. *Campos*. n. 10(1), 2009, pp 45-62.

MARCOS, Subcomandante; LE BOT, Yvon. **El sueño zapatista**. Barcelona: Anagrama, 1997.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **¿NO LOS CONOCEMOS?**. Documento consultado em meio eletrônico [2012c]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2012/12/30/no-los-conocemos/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **ELLOS Y NOSOTROS. I.- Las (sin) razones de arriba**. Documento consultado em meio eletrônico [2013a]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/01/20/ellos-y-nosotros-i-las-sin-razones-de-arriba/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **ELLOS Y NOSOTROS. II.- La Máquina en casi 2 cuartillas.** Documento consultado em meio eletrônico [2013b]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/01/22/ellos-y-nosotros-ii-la-maquina-en-casi-2-cuartillas/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **ELLOS Y NOSOTROS. III.- LOS CAPATACES.** Documento consultado em meio eletrônico [2013c]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/01/23/ellos-y-nosotros-iii-los-capataces/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **ELLOS Y NOSOTROS. V.- LA SEXTA.** Documento consultado em meio eletrônico [2013d]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/01/26/ellos-y-nosotros-v-la-sexta/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **ELLOS Y NOSOTROS. VI.- Las Miradas. 1.- Mirar para imponer o mirar para escuchar.** Documento consultado em meio eletrônico [2013e]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/02/06/ellos-y-nosotros-vi-las-miradas/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **Votán I. UN ESCARABAJO EN LA RED (Durito versión freeware).** Documento consultado em meio eletrônico [2013f]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/07/28/votan-i-un-escarabajo-en-la-red-durito-version-freeware/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **REBOBINAR 3.** Documento consultado em meio eletrônico [2013g]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/11/17/rebobinar-3/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **REBOBINAR 2: DE LA MUERTE Y OTRAS COARTADAS.** Documento consultado em meio eletrônico [2013h]. Disponível em: <http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2013/12/22/rebobinar-2-de-la-muerte-y-otras-coartadas/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **CUANDO LOS MUERTOS CALLAN EN VOZ ALTA. (Rebobinar 1)**. Documento consultado em meio eletrônico [2013i]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/12/28/cuando-los-muertos-callan-en-voz-alta-rebobinar-1/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MENTINIS, Mihalís. *Zapatistas: The Chiapas Revolt and What It Means for Radical Politics*. London: Pluto Press, 2006.

MOISÉS, Subcomandante Insurgente. **ELLOS Y NOSOTROS. VI.- Las Miradas. Parte 6: ÉL SOMOS**. Documento consultado em meio eletrônico [2013]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/02/14/ellos-y-nosotros-vi-las-miradas-parte-6-el-somos/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MOISÉS, Subcomandante Insurgente. **Editorial. Rebeldía Zapatista. La palabra del EZLN**. Documento consultado em meio eletrônico [2014a]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2014/02/28/editorial-revista-rebeldia/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

MOISÉS, Subcomandante Insurgente. **Editorial 2. Rebeldía Zapatista. La palabra del EZLN**. Documento consultado em meio eletrônico [2014b]. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2014/04/24/editorial-2-rebeldia-zapatista-la-palabra-del-ezln/> Acesso em: 11 de fev. 2015.

OUVIÑA, Hernán. *Zapatismo: Del EZLN y el Sub Marcos a la Otra Campaña*. Buenos Aires: Era Naciente, 2007.